

EDUCAR O POVO PARA CONSOLIDAR A REVOLUÇÃO. A CONTRIBUIÇÃO DE SAMORA MOISÉS MACHEL¹



Sonia Rummert² e Jaqueline Ventura³

¹Artigo recebido em 22/07/2021. Aprovado pelos editores em 25/10/2021. Publicado em 11/11/2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i40.50985>.

² Pós-Doutorado em Formação de Adultos na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa – Portugal. Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ – Brasil). Professora Colaboradora do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF) e Professora Associada do Programa de Doutorado em Formação de Adultos do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa – Portugal. Líder do Grupo de Pesquisa EJATrabalhadore (EJATrab UFF – CNPq).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1187-8786i>; E-mail: rummert@gmail.com;
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9928452814893376>.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora de Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE/UFF). Coordenadora do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados em Trabalho e Educação (Neddate – UFF). Vice-líder do Grupo de Pesquisa de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJATrab UFF – CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9548-253X>; E-mail: jaqventura@uol.com.br;

Os colonialistas e capitalistas, porque não produzem e vivem da nossa produção, porque se pretendem sábios e dizem que nós somos brutos e ignorantes, nunca podem reconhecer que se aprende na produção, que a produção é uma das mais importantes escolas (Samora Machel, 1979).

Ao dedicarmos a Seção Memória e Documentos ao trabalho de Samora Machel, tivemos como um dos objetivos construir uma interlocução com a Seção Entrevista. Nela, contamos com a participação da Profa. Brígida Singo, atual Vice-Reitora da Universidade Licungo, de Moçambique, para quem Machel é um inesquecível pensador político-pedagógico da história de Moçambique, ladeado por Paulo Freire, cuja importância é igualmente referida pela entrevistada.

A importância de Machel também era destacada por Freire, que o equiparava a Amílcar Cabral, Fidel Castro, Raúl Ferrer, Anton Makarenko, Célestin Freinet e a Julius Kambarage Nyerere⁴, como podemos constatar na leitura de *Cartas à Guiné-Bissau*. Registros de uma experiência em processo (FREIRE, 1978, p. 72). Na mesma obra, Freire cita o Caderno que trazemos para os leitores, ressaltando sua importância para a superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Afirma o pensador brasileiro que tal dicotomia, que transmuta a escola em “mercado do conhecimento” (Idem, p.125), poderia ser superada, em outro projeto societário, em ‘Centro Democrático’, a que faz referência o Camarada Samora Machel” (125-127) no texto *Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder* (MACHEL, 1979).

Esse trabalho foi, inicialmente, publicado em julho de 1974 pelo Departamento de Informação e Propaganda da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, partido político oficialmente fundado em 25 de junho de 1962, com o objetivo lutar pela libertação de Moçambique do domínio colonial português. Em 1979, foi reeditado pelo Departamento de Trabalho Ideológico do Partido da Luta Armada Pela Libertação Nacional da FRELIMO, no âmbito da Coleção Estudos e Orientações, com tiragem de 20.000 exemplares, na versão que agora temos a satisfação de apresentar aos leitores da Trabalho Necessário.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8217768981005318>.

⁴ Julius Nyerere, presidente tanzaniano, foi o primeiro dos líderes africanos do período, a convidar Paulo Freire a contribuir para a educação de adultos do país. O convite foi mediado pelo Conselho Mundial de Igrejas, sediado em Genebra. A Tanzânia foi, também, o país que acolheu o movimento de libertação moçambicano, a FRELIMO.

Seu autor, Samora Machel, que nasceu em 29 de Setembro de 1933, na localidade tradicional de Xilambene, era filho de agricultores e neto paterno de um guerreiro, chefe das tropas de Maguiguanai, descendente de Ngungunhane (Gungunhanha), chefe tradicional que se opôs, no século XIX, à colonização portuguesa e que por sua luta ficou conhecido como o Leão de Gaza, grande Rei dos Angunes.

Machel iniciou seus estudos escolares no mesmo ano em que o governo colonial português transferiu à Igreja Católica a educação dos “indígenas”. Por não pretender seguir a única alternativa local dos estudos em Teologia, após concluir o ensino básico mudou-se para a cidade de Lourenço Marques, atual Maputo, onde se formou como enfermeiro, atuando profissionalmente no Hospital Central da cidade. Envolvido intensamente com a luta anticolonial e sendo, por isso, vítima de perseguição política, fugiu para a Tanzânia, juntando-se à FRELIMO, então liderada por Eduardo Mondlane, descendente da etnia xangane (changana), grupo étnico africano, majoritariamente habitante da província moçambicana de Gaza.

Após ter se constituído como movimento unificado nacionalista, a FRELIMO⁵ buscou concretizar o objetivo de derrubar o colonialismo português, valendo-se da luta armada. O processo de libertação nacional foi inicialmente conduzido pela Frente, liderada por Mondlane, seu primeiro presidente após a unificação com outros grupos. Assassinado em 1969, foi sucedido por um Conselho de Presidência, constituído por Uria Simango, um dos membros fundadores da FRELIMO; por Marcelino dos Santos, outro dos fundadores da Frente e símbolo do nacionalismo africano, que teve, também, grande relevância no governo pós-independência e por Samora Machel.

Logo a seguir, em 1970, Machel foi eleito sucessor de Mondlane e conduziu a luta de libertação até a independência, quando se torna o presidente da República Popular de Moçambique. Prossegue organizando as lutas de libertação até 25 de junho de 1975, quando Moçambique se torna Estado independente, fundamentado em uma aliança operário-camponesa e ainda conduzido por Machel.

⁵ Segundo as informações oficiais, a FRELIMO originou-se da unificação de três movimentos nacionalistas moçambicanos: a União Nacional Africana de Moçambique (MANU), a União Nacional Democrática de Moçambique (UDENAMO) e a União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI). A Frente, por sua composição heterogênea, abrigava diferentes estratos sociais e movimentos – com distintas perspectivas político-ideológicas – reunidos em torno do propósito comum de combater de forma irrestrita o colonialismo local.

Durante todo seu governo, confere centralidade à educação do povo e, para tanto, busca apoio político e técnico junto a países como Cuba, República Democrática Alemã e União Soviética. Machel promoveu um conjunto de ações destinadas à educação das crianças, dos jovens e dos adultos que se tornou direito constitucional, igualmente assegurado a todos, sem qualquer tipo de discriminação ou restrição.

Para Machel, o sentido da educação democrática residia no imperativo de “criar as condições para que largas massas laboriosas tenham acesso ao ensino e tomem os postos nesta frente” (MACHEL, 1979, p.21). Com seu projeto educativo, pretendia formar o “homem novo” (Idem, p.25), superando os entraves ao desenvolvimento e à consolidação da libertação, decorrentes das concepções do homem velho, que não era socialista e não conhecia a teoria revolucionária.

Essa educação, entretanto, não se restringia ao conhecimento escolar. As necessidades e imposições da superação das marcas do colonialismo e de tradições retrógradas eram muitas e exigiam um permanente processo de formação. Um exemplo é a análise de Celestino Fernando, que ressalta o fato de que somente com a proclamação da independência foi travado contato efetivo, no país, com o conceito de nação. Tal processo foi desencadeado “pela FRELIMO desde os anos iniciais da luta anticolonial”, inicialmente posto em prática “nas zonas libertadas com a construção de aldeias comunais e todo aparato político administrativo que os camaradas estavam implementando” (FERNANDO, 2021).

As zonas libertadas representaram, de modo genérico, “laboratórios experimentais” em que eram postas em prática as proposições do novo modo de vida, autônomo e concretizado a partir das próprias forças e possibilidades nacionais. Suas bases eram a coletivização do campo e a apreensão da ideologia que fundamentava as mudanças e o novo projeto de nação.

A implementação do projeto político-econômico da FRELIMO, após a independência, não se deu sem o enfrentamento de inúmeras dificuldades de diferentes ordens. Cabe mencionar aqui a guerra civil, que teve início ainda em 1977 e que ficou conhecida como a Guerra dos Dezesesseis Anos. Sua principal característica era a dimensão de guerra imperialista contra o projeto socialista de estado, apoiada fortemente pelos EUA como um desdobramento da Guerra Fria. Contava com

dissidentes da FRELIMO, alguns chefes de tribos tradicionalistas e com portugueses residentes que perderam seus bens no processo de independência.

Essa oposição bélica ao governo e, portanto, à FRELIMO, foi desencadeada por um amplo grupo de caráter militar, que constituiu a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO ou RNM), deixando, até a assinatura do Tratado de Paz, de 1992, um registro de mais de um milhão de mortes. O confronto com o governo se dava por sabotagens, atentados e ataques a pontos estratégicos como linhas férreas, pontes e estradas, assim como as aldeias. Sempre avançando em suas posições, a resistência se tornou uma força política capaz de confrontar e polarizar os debates e as decisões sobre os destinos do país.

A RENAMO tornou-se o principal partido de oposição, vindo a constituir um dos protagonistas da luta institucional em Moçambique, tendo voltado às armas em 2013 e assim seguindo até os dias atuais. Desde os primeiros confrontos a RENAMO e a FRELIMO já assinaram três acordos de paz, tendo o último, o Acordo de Paz e Reconciliação Nacional, sido firmado a 06 de agosto de 2019.

A história de Moçambique como país independente, foi e é até hoje crivada de dificuldades, impasses e contradições. Nela, a atuação militante de Samora Machel constitui um marco incontornável, mesmo após sua morte em 1986, vítima de um obscuro acidente aéreo, ocorrido na região sul-africana de Mbuzini, quando retornava de Zâmbia. Além de Machel, morreram mais três dezenas de ocupantes do aparelho, mas as causas do acidente nunca foram efetivamente apuradas.

Machel deixou um considerável acervo de escritos, dos quais mais de duzentos títulos, em português, estão disponíveis, por exemplo, no sítio do Marxists Internet Archive.

Dentre esses, selecionamos o título *Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder*, compreendendo-o como um trabalho que expressa sua concepção de educação como parte de um amplo e revolucionário projeto de sociedade, justa e democrática. Não é demais, porém, sublinhar que a compreensão do pensamento deste intelectual orgânico das lutas revolucionárias de libertação requer um conhecimento amplo de seu legado e das circunstâncias históricas que o marcaram.

Referências

Imagem do **Marxists Internet Archive**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/machel/index.htm>. Acesso em 12 de junho de 2021.

FERNANDO, Celestino. O marxismo-leninista e a construção de aldeias comunais em Moçambique entre 1975 a 1990. **Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM**, vol.4, nº2, ano 4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/7902>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. Registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MACHEL, Samora. **Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder**. República Popular de Moçambique. Maputo: Imprensa Nacional, 1979. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/machel/ano/mes/escola.pdf>.